

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

24 e 29 de Novembro de 2022

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO – A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

...AND THE PURSUIT OF HAPPINESS / 1986 Em Busca de Felicidade

Um filme de Louis Malle

Argumento, imagem (16 mm, cor) e narração: Louis Malle / Montagem: Nancy Baker / Som: Neelon Crawford e Danny Michael (gravação), Jonathan Levy (montagem).

Produção: Louis Malle para a Prettty Mouse Films (Nova Iorque) / Cópia: 16 mm, versão original com legendas eletrônicas em português / Duração: 80 minutos / Estreia mundial: Dallas, 27 de Junho de 1986 / Estreia em Portugal: data não identificada, na televisão / Primeira apresentação na Cinemateca: 3 de Abril de 2019, no âmbito do ciclo "Povos em Movimento – migração, exílio, diásporas".

...And the Pursuit of Happiness é apresentado com **Dominique Sanda**, também de Louis Malle ("folha" distribuída em separado).

Louis Malle sempre se interessou pelo documentário, o que o distingue dos cineastas franceses da sua geração, membros da Nouvelle Vague ou companheiros de viagem da mesma, como ele. Sem deixar de detestar os estudos que fazia no IDHEC/Institut des Hautes Études Cinématographiques ("percebi ao cabo de um ano que não iria aprender nada"), Malle passou dois anos a bordo do *Calypso*, o navio do Comandante Cousteau, primeiro como operador de câmara e montador de três curtas-metragens, depois como co-realizador do célebre **Le Monde du Silence** (1956), aos vinte e quatro anos. Em 1968-69, Malle faria o seu documentário mais célebre, **Calcutta**, seguido de um conjunto de sete curtas-metragens intitulado **L'Inde Fantôme: Réflexions sur un Voyage**. Mas há muitos outros exemplos de documentários na sua obra, realizados entre 1962 e 1987, enquanto ele continuava a sua carreira nas longas-metragens de ficção e que abordam temas muito variados: a Volta de França, a cidade de Bangkok, o trabalho dos operários da Citroën, uma praça parisiense, Dominique Sanda, uma aldeia americana com cinco mil habitantes e nove igrejas, a imigração dos anos 70 e 80 para os Estados Unidos. Quando Malle começou a sua carreira, o documentário passava por grandes transformações, devido às mudanças técnicas trazidas pela aparição de câmaras mais leves e a possibilidade de filmar em som direto. Malle era um homem de grande cultura e pode-se dizer que o seu interesse pelo documentário vem da sua curiosidade intelectual e não da vontade de aliciar, provar ou denunciar. Num importante livro-entrevista a Philip French, Malle diz que aquilo que em início dos anos 60 foi chamado o *cinema-verdade* era "o *cinema-mentira*. A expressão «*cinema-vérité*» tem uma implicação moral: quer definir a verdade, o que além de pretensioso não é necessariamente verídico". Como tantos outros, a começar por Jean Rouch, ele sempre preferiu a expressão *cinema direto*, "porque é antes de tudo uma técnica. Para mim, o «*cinema direto*» é um tipo de documentário totalmente improvisado, com uma equipa técnica mínima, no qual não se tenta organizar a realidade, procura-se apenas filmar aquilo que parece interessante ou surpreendente, para depois tentar dar-lhe um sentido na mesa de montagem. É um cinema do instinto, da improvisação, um cinema do presente. Foi o que tentei fazer nos documentários que fiz na Índia, em França em 1972 e, mais tarde, nos Estados Unidos".

Depois de **Lacombe Lucien**, que causou grande polémica e de **Black Moon**, Malle teve a sensação de estar a tornar-se "um realizador local, regional" e trocou a França pelos Estados Unidos, onde viveria e trabalharia durante cerca de dez anos e onde viria a morrer, depois de um derradeiro período de trabalho em França. ...And the Pursuit of Happiness (cujo título cita uma célebre passagem da Declaração de Independência americana, que considera que entre os direitos fundamentais do homem estão "a propriedade privada e a busca da felicidade") data do início deste período americano e foi uma encomenda de um canal de televisão por cabo, por ocasião do centenário da Estátua da Liberdade, "aquela estatuazinha modesta, oferta da França", segundo a sarcástica observação de Fernand Léger. Malle disse que aceitaria a encomenda, com a condição que o filme não fosse sobre Ellis Island e o passado, "sobre os barcos com os polacos, os judeus, os russos, os alemães e os italianos". Pouco tempo antes, ao apanhar um táxi no aeroporto de

Dallas, quando preparava **Alamo Bay**, Malle conversara com o motorista, um etíope, que lhe explicou que havia uma importante comunidade de compatriotas seus na cidade. Isto abriu os olhos do realizador, ele próprio *“um imigrante de luxo, mas que sabia o que era ser estrangeiro nos Estados Unidos”*, segundo as suas honestas palavras. Quis fazer algo sobre a imigração do presente, composta por africanos, latino-americanos e asiáticos. O comanditário aceitou. Estávamos em Janeiro de 1986 e o contrato especificava que o filme deveria estar pronto para difusão na data nacional de 4 de Julho, o que não era muito tempo para um filme desta natureza. A equipa de rodagem consistiu em apenas quatro pessoas: o próprio Malle, que está por detrás da câmara e também intervém verbalmente fora de campo, como narrador e entrevistador, sempre em som direto; um assistente de imagem, um técnico de som e uma pessoa da produção. Mas diversas outras pessoas o ajudaram na pesquisa e esta continuava a ser feita enquanto a rodagem avançava e a montagem começava. Este método de trabalho ilustra a ideia de fazer um caderno de viagem e descobrir coisas e pessoas interessantes, num país *“que não é um «melting pot», é uma Torre de Babel”*, pois as diversas comunidades coabitam sem se misturarem (há um exemplo gritante no filme: o campo de basquete, onde negros e vietnamitas se ignoram). Foram filmadas pessoas extremamente diferentes, algumas que vão recomeçar do zero, outras já estabilizadas: um médico vietnamita nas profundezas do Nebraska; um romeno que percorre o Texas a pé, em homenagem ao seu novo país; um ator russo que ao chegar aos Estados Unidos horrorizou-se com o culto ao dinheiro e agora ensina o “verdadeiro” método de Stanislavsky; um salvadorenho que ficou com os membros inferiores paralisados depois de ter sido espancado por milicianos de extrema-direita; o filho do ditador deposto da Nicarágua que vive um exílio de luxo; refugiados cambojanos que chegam ao aeroporto de Nova Iorque; um cosmonauta originário da Costa Rica, cujo avô era chinês; um ex-general laociano, que trabalha numa fábrica de armas; um poeta originário das Caraíbas, que se queixa da mediocridade criada pelo culto da igualdade: *“Esta é uma democracia agressiva. Diz-me que todos devem ser iguais. Não quero sentir-me igual. Quero sentir-me superior ou inferior, consoante a minha escolha”*.

De início, o espectador pode ter a impressão de que o filme é um simples passeio, em que vemos superficialmente as pessoas mostradas. Mas esta impressão é errónea, pois Malle não tem a pretensão de revelar nenhuma “verdade” e nunca volta às pessoas que filmou, ou seja: nunca adota a fragmentação televisiva, em que diversos entrevistados, em espaços diferentes, voltam regularmente, de maneira a criar uma suposta visão de conjunto das questões abordadas. Verdadeiro diário de viagem, **...And the Pursuit of Happiness** consiste na observação de indivíduos e situações muito variados, através dos quais podemos vislumbrar diversos aspectos desta nova imigração: a transformação profissional de uma professora paquistanesa que passou a ser esteticista; a vontade de muitos novos imigrantes de manterem laços com a sua cultura de origem; crianças que aprendem numa escola a língua dos pais, que nem sempre dominam bem o inglês, de modo a manterem a possibilidade de comunicação com eles; as tensões numa comunidade negra, que sempre foi tratada como intrusa no seu próprio país e perde o pouco espaço de que dispõe para famílias vietnamitas recém-chegadas. A partir de certo ponto, Malle concentra a sua atenção na fronteira mexicana, *“porta giratória”* onde a emigração clandestina e temporária é permanente, numa relação verdadeiramente colonial e escravagista, marcada por um racismo intolerável, em que o servo e o amo, o pobre e o rico, são cúmplices, pois alguns precisam dos poucos dólares que recebem para sustentar a família e os outros ficam felizes em terem mão-de-obra barata e submissa. Representantes dos dois lados verbalizam as suas opções: um mexicano que já foi expulso diversas vezes, diz que voltará a entrar temporariamente, enquanto um funcionário da polícia das fronteiras ousa, neste filme feito para o centenário da Estátua da Liberdade, evocar o que esta simboliza para justificar a situação. Mas Malle conclui o seu filme num plano menos prosaico, numa festa de judeus russos recentemente imigrados, animada por uma negra que canta em hebraico, língua que não fala, num curioso exemplo daquilo a que ele chama *“a assimilação ao contrário, paradoxo supremo de um país que fez do paradoxo a sua regra”*. Para Louis Malle, as ideias devem fluir dos factos, não são estes que devem submeter-se às ideias, como é demasiado frequente nos documentários. **...And the Pursuit of Happiness** é um belo exemplo desta atitude.

Antonio Rodrigues